
ENTREVISTA: MÃE STELLA DE OXÓSSI¹

Por Rosane Soares Santana²

Ela completa este ano (1999) seu 60º de iniciação. Maria Stella de Azevedo Santos, 73 anos, é hoje a mais importante mãe-de-santo viva do Brasil. À frente do terreiro do Ilê Axé Opô Afonjá, no bairro de São Gonçalo do Retiro, de tradição iorubá (grupo étnico da Nigéria, Togo e República do Benin, também denominado nagô no Brasil), desde junho de 1976, é uma líder respeitada sobretudo pelas posições firmes que tem tomado em defesa da preservação dos rituais do candomblé, combatendo o sincretismo religioso. O sincretismo, segundo ela, não faz mais sentido na atualidade, sendo um resquício da escravidão, quando o negro não possuía liberdade para expressar suas manifestações religiosas. Ao longo de quase 100 anos, o Ilê Axé Opô Afonjá, fundado em 1910 por mãe Aninha, transformou-se num foco de resistência da cultura iorubá no Brasil, mantendo a tradição dos rituais tal qual no continente africano, de onde os negros daquela nação vieram em massa para o mercado de escravos na Bahia, em fins do século XVIII e começo do século XIX. Os resultados dessa resistência podem ser sentidos hoje em várias manifestações da cultura e da vida baianas. Na culinária e na música, a influência iorubá se faz presente, apesar dos três séculos de escravidão e opressão a que foram submetidos os africanos no Brasil. A religião do culto dos orixás, segundo Mãe Stella, trazida no coração dos africanos, permitiu a proliferação do axé e fez com que o negro sobrevivesse a todo sofrimento. Em 1992, ao lançar o livro “Meu Tempo é Agora”, Mãe Stella quebrou a tradição de oralidade de sua cultura, para elaborar uma espécie de manual de procedimentos que devem ser seguidos pelos filhos-de-santo do Axé Opô Afonjá

¹Entrevista originalmente publicada na Revista Neon, Abril 1999-Ano 1-Nº4.

²Rosane Santana é jornalista (UFBA), pesquisadora (PósCom-UFBA/INCT.DD) e professora da Universidade Estadual da Bahia (UNEB). Tem doutorado e pós-doutorado em Comunicação e Cultura Contemporâneas (PósCom-UFBA/PPGCP-UFPR/INCT.DD) e mestrado em História Social (PPGH-UFBA).

(Casa da Raiz de Xangô). Em “E Daí Aconteceu o Encanto”, fala sobre a vida de Mãe Aninha, uma das ialorixás mais importantes deste século (séc.XX), ao lado de Mãe Senhora, que também dirigiu aquele terreiro. Há dois anos (1997), Mãe Stella surpreendeu, mais uma vez, colocando uma homepage do Axé Opô Afonjá na internet, que já recebeu mais de 16 mil cartas de todo o mundo. Em entrevista à jornalista Rosane Santana, de Neon, Mãe Stella fala de sua luta para que o candomblé seja hoje uma religião respeitada; dá boas vindas ao Arcebispo Primaz do Brasil, D. Geraldo Majella Agnelo, e conta por que só agora decidiu pelo tombamento do terreiro pelo Ministério da Cultura.

Neon – Negros de diversas nações africanas vieram para o Brasil em três séculos de escravidão. Em fins do século XVIII e começo do XIX, o reino dos iorubá (nagôs) forneceu, regularmente, negros para o mercado de escravos, que desembarcaram em grande quantidade na Bahia, cuja cultura aqui se tornou hegemônica. Além do culto aos orixás, que outras características o Ilê Axé Opô Afonjá, um dos focos da resistência iorubá no Brasil, mantém em comum com aqueles povos?

Mãe Stella – Todo ritual interno, quase na íntegra, nós fazemos como foi aprendido. Temos o idioma, os cânticos...O idioma que nós falamos aqui, o iorubá, é aquele arcaico. Tanto que muita coisa que a gente fala, atualmente, eles já não entendem mais, porque o ioruba tem muitos dialetos e falamos aqui o de séculos passados. Só os velhos entendem. Eles vibram quando ouvem a gente falar, porque nunca mais ouviram esse iorubá. Os mais jovens entendem uma palavra ou outra. A maior marca de resistência, no entanto, foi a adoração dos orixás.

Neon – Em suas viagens à África, que elos de ligação com a cultura iorubá na Bahia a senhora identificou?

Mãe Stella – Os elos são os próprios orixás. Depois, a gente fica feliz porque sabe que uma tradição que foi segura como resistência do negro ainda se conserva como se aprendeu, quase que na íntegra, enquanto na própria Nigéria já houve modificações. Nós nos mantivemos firmes na antiga tradição. Aqui na Bahia, digo aqui em casa, porque não posso falar pelos outros.

Neon – *Depois de trezentos anos de escravidão e opressão, quase meio século de perseguição da polícia, preconceitos e intolerância religiosa de que foram vítimas os negros no Brasil, como a senhora explica a preservação do culto nos moldes da tradição?*

Mãe Stella – A força do próprio orixá. O orixá não tem barreiras, não tem estado civil, não tem cor, não tem nada. Orixá é orixá. É uma força vital que está dentro de cada ser humano. Basta aceitar ou não. Cada um de nós tem elementos dos orixás. Os elementos que adoramos, como a água, o fogo, o ar, estes elementos estão no nosso organismo. Cada um de nós tem uma partícula desses elementos. Nós nos confundimos com essas forças, elas são parte de nós mesmos. Uma vez que temos a partícula do orixá, o negro que de lá veio, trazendo no coração a força de vencer e continuar, trazendo essa força vital, isso fez com que, depois de tanto tempo de opressão e resistência, possamos nos colocar em pé de igualdade com outras religiões.

Neon – *A fundadora do Axé Opô Afonjá, Mãe Aninha, é de origem Grunci (negros islamizados do Sudão). Aqui no Axé Opô Afonjá existe algum ritual, alguma tradição própria daquela nação?*

Mãe Stella – Os pais dela eram Grunci. Mas essa tradição quase que não existe mais. Já procurei saber de pesquisadores e estudiosos que tinham tanto interesse quanto eu em saber algo mais sobre os Grunci, mas nada foi encontrado. Tem a etnia, mas não existem as práticas religiosas, pelo menos que se saiba.

Neon – *Aqui no Axé, Mãe Aninha não deixou nenhuma herança dos Grunci?*

Mãe Stella – Nós temos aqui orixás dessa nação, nós temos rituais, mas é uma coisa muito íntima, que é somente para a nação Grunci, em homenagem aos orixás e a ela também.

Neon – *A obra de Nina Rodrigues sobre os africanos no Brasil e a literatura de Jorge Amado, nas três primeiras décadas deste século (séc.XX), tiveram contribuição importante do babalaô e professor Martiniano Eliseu do Bonfim, filho de escravos nascido no Brasil, que viveu muitos anos na Nigéria. Também Mãe Aninha foi muito influenciada por ele, sobretudo na fidelidade aos rituais nagô. Em que medida essa influência se refletiu no terreiro do Axé Opô Afonjá?*

Mãe Stella – Ele foi uma pessoa de grande valor naquele tempo em que as coisas eram difíceis para o povo do candomblé. Ele descendia de africanos e tinha condições de viajar daqui para a Nigéria, e nessas viagens ele trazia elementos. Ele foi um orientador de Mãe Aninha. Por causa dele é que tempos os Obás de Xangô (conselho atuante na comunidade, responsável por zelar pelo culto daquela divindade) e tantas outras coisas, como por exemplo, a divisão espacial da roça como uma tribo africana. O continente nigeriano está reproduzido aqui. Cada orixá tem sua tribo lá, em Oyó (capital do Reino de Iorubá), Ibadan, Ketu. Aqui nesse espaço físico (100 mil metros quadrados, no bairro do Cabula), essas tribos são reproduzidas. Daí que cada orixá tem o seu dia. Tem dia de Ossain, tem dia de Ogum, tem dia de Omolú...cada um com seu ritual próprio. Seu Martiniano foi de grande importância para ela e para o Axé Opô Afonjá.

Neon – *Num certo sentido, a senhora retomou a linha de Martiniano, no que diz respeito à defesa da pureza nagô, ao se colocar contra o sincretismo religioso. O que a senhora acha do sincretismo?*

Mãe Stella - Não tem mais valor na atualidade. Uma vez que você tenha consciência do que você pratica, consciência da força de cada orixá, logo, da força das obrigações que você faz, você vê que para que sua religião tenha valor não é necessário que se misture com outra, e outra que lhe repele. Isso é resquício da escravidão. Antigamente, quando a repressão policial era intensa, a maioria dos candomblés tinha missa de São Jorge etc. e tal.

Neon – *Mãe Aninha utilizou rituais sincréticos para fugir da repressão, a exemplo de outras mães de santo como Menininha do Gantois?*

Mãe Stella - No tempo dela dava *status* pertencer à religião católica, uma nega do candomblé integrar a Irmandade da Boa Morte dava *status*. Como ela era uma figura que sempre se sobressaiu, vaidosa, evidente que ela comparecia a esses rituais para fazer uma média com a sociedade, embora sua crença fosse nos orixás. Naquele momento, isso tinha sua função política (anos 20,30) Mas se ela estivesse conosco na atualidade, ela que foi uma mulher de vanguarda (Getúlio Vargas liberou o uso de atabaques no candomblé a pedido de Mãe Aninha), teria visto que não há mais necessidade de fazer uma obrigação que é sacrificante e ainda ter que tomar benção ao bispo, ouvindo ele dizer que isso é como acender uma vela a Deus e outra ao Diabo. Mas hoje os religiosos estão agindo de

uma maneira mais humana. Sabem que tanto para o santo como para o orixá não existe barreira para a crença. Então, o diálogo, não o sincretismo, deve imperar. Com o sincretismo se engana ao outro e a si próprio.

Neon – *Muitos veem o sincretismo como uma religião própria dos mestiços. O que a senhora acha disso?*

Mãe Stella – Quem faz isso não acredita em nada. Perde a força, o axé. Não tem por que eu pegar a fitinha do Senhor do Bomfim e botar em Oxalá. Uma coisa não tem nada a ver com a outra. Só serve ao folclore e à deturpação das coisas do axé. São energias diferentes. Você sabe que orixás são forças da natureza e os santos da religião católica são espíritos elevados canonizados, beatificados. Para nós, eles são *eguns* (espírito dos mortos).

Neon – *A senhora não tem medo de ficar isolada enquanto líder de uma religião africana com essa espécie de nagocentrismo?*

Mãe Stella – Sei o que é que eu quero. A verdadeira religião por si só se valoriza. Não precisa se encostar em outra para mostrar que tem valor. Isso é medo de mudar, é querer continuar como no tempo da escravidão. Não me acho isolada, pois estou tendo apoio dos mais novos. Eles compraram a minha briga, a minha ideia. E a maioria deles não tem atitudes de sincretismo. Os mais velhos pensam que, agindo assim, estariam traindo a memória dos pais e mães de santo. Pensam, erroneamente, no meu entender, que mantendo o sincretismo estão cultuando a ancestralidade.

Neon – *O que mudou desde a Conferência Mundial da Tradição dos Orixás, em 1983, quando a senhora, ao lado de Menininha e Olga de Alaketo, entre outras ialorixás, divulgaram uma carta aberta contra o sincretismo?*

Mãe Stella – Mudou muita coisa. Os mais novos estão querendo acertar. Os velhos são um pouco teimosos. Colhi com os novos, pois eles não estão mais preocupados com essa coisa de romaria em igreja. Agora, o que se passou com os mais velhos, não se passou aqui dentro, porque eu inventei o negócio, então, minha palavra vigora. Mas muita gente achou que, quebrando o sincretismo, estaria traindo a memória da mãe de santo. Aqui também se seguia a linha do sincretismo. Mas quando cheguei aqui, vi que não tinha nada a ver. Aqui nós conseguimos acabar com isso. Se eu morrer amanhã, e alguém quiser voltar para o sincretismo, isso não vai vigorar. Mas outras casas tradicionais, inclusive casas que assinaram o manifesto, continuam com a prática do sincretismo. Não é porque

não sejam descrentes. Eu acho que elas não querem comprar briga, entrar em confronto com a memória das mães de santo. Cabe aos mais novos acordarem para a realidade das coisas e ver que não há mais necessidade dessa mistura vã, porque não constrói para lado nenhum. Como dar acarajé no pé de Santa Bárbara? Isso não tem sentido. Posso até ir a uma missa como uma atividade social, mas os rituais não podem ser misturados. Isso enfraquece toda e qualquer religião.

Neon – *O que a senhora achou das primeiras palavras do novo arcebispo, D. Geraldo Majella Agnelo, dizendo-se aberto ao diálogo com o sincretismo religioso?*

Mãe Stella – Ele é o chefe da religião Católica. Ele vem cumprir a missão dele como um católico. Hoje em dia, fala-se muito em diálogo. Então, que ele seja bem-vindo a esta Bahia de todos os orixás, de todos os santos, e que faça um trabalho humano. O discurso revela uma pessoa com muita humanidade, pois creio que, agora, no fim do século (séc.XX), todo mundo quer acertar. Se ele está trabalhando para acertar, como nós também temos trabalhado para acertar, que seja bem-vindo à Bahia, que ele faça um trabalho de pastor, e que entenda que a religião que ele pratica, como a nossa, se tiver um compromisso com a verdade e com o bem, tudo leva ao superior Olorum (divindade suprema dos iorubá), Cristo, Javé, Buda, seja quem for. Se trabalharmos em busca da perfeição, até poderemos trabalhar de mãos dadas. Quem é religioso tem de trabalhar por uma unidade.

Neon – *Com o lançamento do livro “Meu Tempo é agora”, em 1992, a senhora quebrou uma tradição de oralidade no Candomblé. Por que decidiu fazer isso?*

Mãe Stella – No próprio livro, eu digo que o que não se registra o vento leva. O escrito possibilita a pesquisa para tirar dúvidas. Fiz também com o cuidado de que os comandados por mim tenham noções de disciplina e hierarquia, que no candomblé é fundamental. Que eles aprendam a respeitar o mais velho, a se relacionar com o outro, como chegar ao pé do orixá, como entrar numa casa de santo. É um manual de orientação para a turma aqui do Axé.

Neon – *A homepage do Axé tem a mesma intenção?*

Mãe Stella – Também, porque se a gente não entrar na questão da atualidade, não anda pra frente. Então, a internet é uma forma de mostrar ao mundo o que é o candomblé. Inclusive, porque mostra fotos, e as pessoas que consultam a página têm uma ideia, mais

ou menos, do que é. Isso também possibilita o diálogo com pessoas de várias partes do mundo. Não se trata de consultas e jogo de búzios, é bom que fique claro. Trata-se dos fundamentos da religião. Já recebemos cerca de 16 mil cartas. Isso foi ideia de uma filha de santo daqui, muito inteligente, que fez a coisa de uma maneira muito séria, e eu acatei.

Neon – *E o museu?*

Mãe Stella – O museu é mais uma forma de preservar a nossa religião, as nossas tradições. Tem objetos de culto, roupas do culto. Buscamos reconstruir um pouco a história dessa casa, ao longo dos anos. Quem nos visita pode ter acesso a diversos elementos da cultura Ketu, que estão no museu, e pode conhecer um pouco da nossa religião.

Neon – *A senhora resistiu, por longo período, ao tombamento da roça do Axé Opô Afonjá pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN), quando outros terreiros de tradição nagô, a exemplo do Gantois e da Casa Branca, já haviam sido tombados. Por que somente agora aceitou essa ideia, que está sendo efetivada pelo Ministério da Cultura?*

Mãe Stella – É uma garantia do espaço físico da roça do Axé, frente à especulação imobiliária e às invasões. Estou cansada, já não posso mais cuidar disso aqui sozinha, e essa parceria vai ser nesse sentido.

Neon – *Mas isso não interfere na autonomia do culto e das tradições do terreiro?*

Mãe Stella – Só se aparecer um presidente evangélico (risos). Mas isso também não influirá, a menos que haja alteração na Constituição, que garante a liberdade de cultos. E na roça ninguém vai tocar.

Neon – *Sem folha não há orixá, a senhora costuma repetir isso. Muitos candomblés, por força da repressão policial, na primeira metade deste século (séc.XX), foram empurrados para a periferia, onde ocupam grandes áreas verdes. Qual a importância de preservar esses espaços físicos para o candomblé?*

Mãe Stella – A preservação ambiental é inerente à religião do candomblé. Se você é do candomblé, tem que cultuar a natureza. Os vegetais, as pedreiras, os rios, tudo isso são elementos de adoração para nós. É evidente que a gente, se adora, tem que preservar, manter o ambiente limpo. Somos contra a colocação de oferendas (ebós) nas ruas,

aleatoriamente. Há muitas reservas florestais, ainda, na Bahia, locais designados nos quais podemos colocar nossas oferendas. Não faz sentido arriar uma oferenda no Largo da Graça, por exemplo, porque vira lixo. Não deve ser assim, há locais apropriados.

Neon – *A cultura iorubá, a mais importante das culturas negras trazidas para o Brasil, influenciou marcadamente a Bahia. Nossa culinária e nossa música, sobretudo, estão impregnadas da herança nagô. De que forma o candomblé contribuiu para isso?*

Mãe Stella – Através da religião, do axé, mantivemos intacta a força de nossa cultura. Graças à força dos orixás, resistimos à opressão. Mas, é bom lembrar que a cultura iorubá permaneceu até hoje, porque a leva de africanos trazidos como mão de obra escrava, oriunda dessa nação, foi mais recente, deu-se no último século de escravidão. Conseguimos essa graça, e, por ter sido essa presença mais marcante aqui na Bahia, ficamos em condições de manter a tradição e os rituais. O candomblé tomou conta da Bahia, que é mágica por si só. Isso é uma vitória dos negros, de sua magia. A maioria das pessoas daqui são mestiças e, portanto, têm o sangue africano. Temos, então, essa energia alegre, de festa, de desinibição.

Neon – *As religiões africanas, entre elas o candomblé, enfrentaram muitos inimigos, ao longo dos séculos. Durante a escravidão, os senhores de engenho. Após a abolição, em 1888, a polícia e os preconceitos da elite dirigente e seu ideal europeizante, de mãos dadas com a imprensa, como relatam Nina Rodrigues e tantos outros. Qual o maior inimigo do candomblé hoje?*

Mãe Stella – Os maiores inimigos do candomblé, hoje, são aqueles que o praticam aleatoriamente. Os que não conhecem os fundamentos, não têm base, nem segurança no que fazem, que distorcem tudo. São os inescrupulosos. A polícia, o Estado e a Igreja (Católica) não são mais inimigos. Inimigos são os adeptos, entre aspas, que distorcem tudo, destruindo o candomblé. Os fanáticos de outras crenças, também, mas não nos atingem.

Neon – *E a questão social do negro, como é vista pelo candomblé? A senhora que possui formação superior (formada em enfermagem pela antiga Escola de Saúde Pública da Bahia) não se preocupa com isso?*

Mãe Stella – Me preocupo, sim. O povo de candomblé tem que ter instrução. Temos, aqui, uma escolinha que forma também para a cidadania (Escola Eugênia Ana dos

Santos). Damos informações sobre o candomblé, formamos essas crianças para que possam viver num mundo globalizado. Vamos introduzir informática, temos prática de capoeira, música e jogos, procuramos evidenciar as contribuições do negro no mundo atual, sua cultura. Temos oficinas que dão condições de vida futura no mercado de trabalho, para que essas crianças e adolescentes não se transformem em marginais. O Ministério da Cultura, inclusive, está apoiando a escola. O Estado também ajuda. Apesar do desemprego que vem acontecendo, aqui não temos ninguém sem ocupação (mais de 100 pessoas residem no terreiro).